

Desvalorização deve agravar a recessão

Previsão de retração da economia para este ano pula de 1% para até 4%

Cristina Alves

• A desvalorização do real não vem sozinha. De quebra, ela chega trazendo o medo de que a recessão deste ano seja maior do que se esperava. No fim do ano passado, quando anunciou o programa de ajuste fiscal, o Governo previu que o Produto Interno Bruto (PIB) iria encolher 1%. Agora, já há quem calcule que a retração da economia brasileira possa ficar entre 3% e 4%. É o caso do economista José Márcio Camargo, da PUC do Rio:

— Se a desvalorização ficar onde está, a queda do PIB deve ficar entre 3% e 4%. Tudo vai depender para onde vão a taxa de câmbio e os juros.

Desvalorização aumenta inflação interna

O economista Estevão Kopschitz Bastos, da Consultoria Macrométrica, também acredita que a desvalorização poderá provocar retração na economia:

— A desvalorização tem efeito recessivo porque induz um pouco de inflação, reduz a massa salarial e o poder de compra, além de atingir as empresas que têm dívidas em dólar — diz.

Mas não é só recessão maior que está sendo esperada. José Márcio Camargo também acredita que a inflação pode chegar a dois dígitos este ano. Kopschitz concorda e tem até uma conta na ponta do lápis:

— O índice de inflação da Fipe, por exemplo, tem 49% de produtos comerciáveis, que sofrem efeitos da taxa de câmbio. Se o produto em dólar fica 20% mais caro e ele tem um impacto de quase metade do índice de inflação, então podemos dizer que o custo de vida sobe mais ou menos 10% por causa da desvalorização. Mas não é exatamente assim por causa da recessão que não permite repassar toda a desvalorização para os preços — diz o economista.

Apesar dos efeitos negativos, inclusive sobre a taxa de desemprego, há quem garanta que a desvalorização veio tarde demais:

— Essa medida era inevitável. O Brasil estava pagando um preço alto demais pelo câmbio valorizado — diz Aloísio Araújo, pesquisador da Instituto de Matemática Pura Aplicada (Impa) e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Aloísio Araújo, autor de um detalhado estudo sobre bandas cambiais feito sob encomenda pelo Banco Central em 93, tem a convicção de que o alargamento da banda anunciado pelo Banco Central esta semana “foi tímida demais” e garante:

— O BC deveria ter posto uma banda mais larga. Na verdade, ele só anunciou a desvalorização que ia ocorrer este ano e disse que, se a cotação do dólar encostasse no teto da banda, ele daria mais 2,7%

ao ano. Ora, com uma banda dessas, os exportadores já iam ficar com saudades do Gustavo Franco em meados do ano que vem.

O professor da FGV diz ainda que a principal vantagem do câmbio livre é que o Banco Central não precisa queimar reservas para defender a moeda. Ele deixa o mercado agir e queimar seus cartuchos sem que o país perca reservas, o seu caixa forte em dólares.

Câmbio livre é um exemplo do México de 95

Mesmo assim, Aloísio Araújo, acredita que o câmbio livre não afasta a possibilidade de intervenções esporádicas do Banco Central, numa espécie de “câmbio sujo”, em que as intervenções são muito mais esporádicas, mas não totalmente descartadas. A exemplo do que ocorreu com o México em 1995, depois da crise. Além disso, ele frisa que o câmbio livre tem a vantagem de permitir que as taxas de juros possam cair mais rapidamente, o que atenderia às demandas de vários setores da sociedade — inclusive os políticos que têm defendido juros menores e que podem dar apoio decisivo para a aprovação do ajuste fiscal no Congresso nas próximas semanas.

Outra opção, praticamente descartada, é a adoção de um modelo de *inflation target*, em que o Governo fixa metas para a inflação. ■